

Caminhos da pesquisa científica: o delineamento do tema

Liliana Harb Bollos Faculdade
Campo Limpo Paulista
contato@lilianabollos.com.br

RESUMO

Este artigo discute o caminho da pesquisa científica, a importância de concretizar um desejo, uma dúvida, um fascínio através de um experimento, a fim de torná-la objeto de apreciação de um grupo sempre maior de pesquisadores nas artes.

Palavras chave

Metodologia, pesquisa, projeto.

ABSTRACT

This article discusses the scientific researchs way, the importance of achieving a desire, a doubt, a fascination through an experiment in order to make it the object of assessment of an ever larger group of arts researchers.

Keywords

Methodology, Research, Project.

1. INTRODUÇÃO

No ambiente universitário a maioria das pesquisas nasce da livre escolha do pesquisador e tem se desenvolvido dentro de institutos de pós-graduação das universidades, supervisionadas por professores-orientadores que, através de seus projetos de pesquisa, compartilham um mesmo interesse com esses orientandos. A necessidade de estudar um determinado assunto vem do próprio pesquisador. Ele é que sente a necessidade de se aprofundar em determinado assunto e percorre um caminho para alcançar seu desejo. Uma pesquisa científica nasce de uma curiosidade de investigação sobre determinada temática, seja por questões de observação da realidade ou por lacunas de conhecimentos e reflexões de outros autores em um campo de saber específico. O importante é que o assunto tenha legitimidade frente à comunidade acadêmica e percorra etapas que comprovem um trajeto de estudo e interpretação de dados coletados para se chegar a um parecer, que nunca é definitivo, mas que permita contribuir em alguma escala para o seu aprofundamento, abrindo um leque de novas possibilidades.

A busca pelo conhecimento se adquire através de pesquisa. Lucia Santaella (2001, p.112) observa que, à luz de Charles S. Peirce, pesquisa é toda a investigação de qualquer espécie que nasce da observação de algum fenômeno surpreendente, de alguma experiência que frustra uma expectativa ou rompe com um hábito de expectativa. Quando um hábito de pensamento ou crença é rompido, o

objetivo é se chegar a um outro hábito ou crença que se prove estável. Essa atividade de passagem da dúvida à crença, de resolução de uma dúvida genuína e consequente estabelecimento de um hábito estável é o que Peirce chamou de investigação. Apesar de ser uma afirmação genérica, ela pode se referir a qualquer tipo de investigação, o que importa é livrar-se da dúvida, buscar uma resposta, o que não deixa de ser um processo investigativo. Santaella afirma que a pesquisa é alimento da ciência e nasce do desejo de encontrar resposta para uma questão e que esse desejo se constitui sempre na mola central de uma pesquisa, principalmente científica, e sem esse desejo o pesquisador é tragado no meio de obrigações e se esquece de atender a esse desejo de provar sua crença. O que caracteriza a pesquisa como científica, de acordo com a autora, é o estado de alerta do pesquisador no que se refere às questões filosóficas, especialmente, epistemológicas, sobre as leis que regem o conhecimento, sua busca, sua validade, entre outros.

O papel do pesquisador passa a ser mais de intérprete da realidade pesquisada segundo os instrumentos conferidos para Sérgio Luna (2000, p. 15), pela sua postura teórico-epistemológica, não se preocupando em estabelecer a veracidade das suas constatações, mas, que seja capaz de demonstrar, segundo critérios públicos e convincentes, que o conhecimento que ele produz é fidedigno e relevante teórico e/ou socialmente. Ele conceitua pesquisa como a produção de um conhecimento novo, relevante teórico e socialmente, ou seja, um saber que preencha uma lacuna no conhecimento disponível de determinados campos de estudo. Luna destaca que qualquer que seja o referencial teórico ou a metodologia empregada, alguns elementos são essenciais para o desenvolvimento de uma pesquisa, como determinar informações necessárias para encaminhar respostas às perguntas feitas; selecionar melhores fontes; definir um conjunto de ações que produzam estas informações e um sistema para tratá-las; usar um sistema teórico para interpretá-las; produzir respostas às perguntas formuladas; e indicar o grau de confiabilidade das respostas obtidas. Todos esses elementos compõem um montante de dados para o planejamento de como será conduzida a pesquisa, buscando a sistematização do trabalho. Neste artigo iremos discutir o caminho da pesquisa científica, a definição do tema, a importância de concretizar um desejo, uma dúvida, um problema, um fascínio, através de um

experimento, a fim de torná-la objeto de apreciação de um grupo sempre maior de pesquisadores nas artes.

2. A ESCOLHA DO TEMA

A primeira etapa de elaboração de uma pesquisa é a escolha do tema, que surge quase sempre de uma intenção ainda imprecisa. Uma imprecisão que só pode ser indicadora de que a escolha de um tema advém muito menos de uma vontade racional do que de motivos sobre os quais temos pouco domínio consciente. De fato, um tema é algo que nos figa, para o qual nos sentimos atraídos sem saber bem por quê. Um tema nasce de um desejo, que é, por sua própria natureza, sempre obscuro, e não costuma adiantar muito a tentativa de lhe virar as costas.

Os temas têm tudo a ver com a história de vida e, especialmente, com a história intelectual do pesquisador. Mas quais são as motivações que nos levam a escolher um tema? Os temas podem surgir da observação do cotidiano, da vida profissional, do contato e relacionamento com especialistas, do *feedback* de pesquisas já realizadas ou do estudo de literatura especializada. Além das possibilidades acima, as fontes para a escolha de um assunto podem ainda originar-se da experiência pessoal, de estudos e leituras, da descoberta de discrepâncias entre trabalhos ou da analogia com temas de estudos de outras disciplinas ou áreas científicas. Enfim, o tema pode surgir de uma dificuldade prática, de uma curiosidade científica, de desafios encontrados na leitura de outros trabalhos ou da própria teoria.

Severino (2002, p. 74) pontua que cabe ao aluno delimitar, com precisão, o tema indicado pelo professor e que, caso ocorra alguma alteração desta primeira delimitação do tema, ainda que frequente, é necessário que o aluno inicie seu trabalho de posse de um tema bem definido. E é justamente nesse momento que ocorre a maioria dos problemas nas pesquisas. Os alunos iniciam seus estudos e muitas vezes percorrem um grande espaço de tempo de suas pesquisas para perceberem que o caminho de sua pesquisa não estava correto, ou melhor, atualizado. Portanto, há três possibilidades para se escolher um tema, a partir da identificação de uma necessidade, de um problema a ser esclarecido: a escolha individual, proposta pelo orientador ou demanda do contexto profissional.

Humberto Eco (1995) pontua quatro regras para se escolher um tema:

- 1) *Que o tema corresponda aos interesses do candidato (quer esteja relacionado com o tipo de exames feitos, com as suas leituras, com o seu mundo político, cultural ou religioso);*
- 2) *Que as fontes a que recorre sejam acessíveis, o que quer dizer que estejam ao alcance material do candidato;*
- 3) *Que as fontes a que recorre sejam manuseáveis, o que quer dizer que estejam ao alcance cultural do candidato;*

4) *Que o quadro metodológico da investigação esteja ao alcance da experiência do candidato.* (Eco, 1995, p. 33)

Eco afirma que há casos de teses dramaticamente falhadas justamente porque não se soube por o problema inicial nestes termos tão óbvios. Apesar de parecerem banais, essas regras podem ser úteis para os estudantes que não tenham ainda um tema claro para seu trabalho.

Nesse sentido, ao fazer a escolha temática para o seu trabalho, o pesquisador deve primeiramente se atualizar fazendo uma revisão bibliográfica do assunto, ou seja, fazer o levantamento da documentação, ler os principais trabalhos sobre o tema proposto o qual se propõe estudar e tirar de lá uma bibliografia que será discutida em sua pesquisa, a fim de trazer para a sua pesquisa um material interessante para que possa ser explorado. Dentro desses estudos preliminares estão também as visitas a locais específicos, quando o tema exigir, até discussões com especialistas e colegas. Afinal, ser um pesquisador é se inserir em um debate com outros colegas, instituições, empresas ou outras organizações e pessoas com interesses afins. De todo modo, pontua Santaella (2001, p. 154), através da busca de informação sobre o tema é que as dúvidas vão gradativamente se tornando mais claras e o problema pode ir se delineando.

É certo que as leituras tomam muito do nosso tempo, mas, na realidade, elas ajudam a diminuir o tempo estéril das ideias confusas e pouco definidas que são sempre motivos de angústia para o pesquisador. Todo o esforço dispendido nos estudos preliminares se volta produtivamente para a clarificação gradativa do tema, rumo à definição de uma questão, de um problema a ser pesquisado. Nesse sentido, Santaella observa:

Um tema não é ainda um problema. Este último se constitui na questão mais fundamental de toda a pesquisa, por isso mesmo, deve ser precisamente recortado, delimitado e claramente formulado. Isso não acontece por passe de mágica, nem da noite para o dia. Daí a necessidade de estudos preliminares, de momentos de concentração cuidadosa e meditativa, de discernimento das fronteiras do problema sem o que não seria possível extrai-lo do contexto de infundáveis determinações em que um tema se situa (Santaella, 2001, p 155).

3. A DÚVIDA COMO PONTO DE PARTIDA

O que é, portanto, um problema de pesquisa? Não há problema sem uma indagação central, uma dificuldade que se quer resolver. Desse modo, o problema de pesquisa é uma interrogação que implica em uma dificuldade não só em termos teóricos ou práticos, mas que seja também capaz de sugerir uma discussão que pode, inclusive, em alguns casos, passar por um processo de mensuração, para terminar em uma solução viável através de estudo

sistematizado (Bastos, 1992, p. 114).

De acordo com Rudio (1998), hipótese é uma suposição que se faz na tentativa de se explicar o que se desconhece. É partir dessa dúvida que vamos procurar um caminho para desvendar esse problema que se formou. Para Severino, o projeto de pesquisa é a primeira indagação de uma formulação de hipótese:

A colocação clara do problema desencadeia a formulação da hipótese geral a ser comprovada no decorrer do raciocínio. Quando o autor se define afinal por uma solução que pretende demonstrar no curso do trabalho, pode-se então falar de tese ou de ideia central de seu tratado. O trabalho tem por objetivo último transmitir uma mensagem, comunicar o resultado final de uma pesquisa e de uma reflexão. Por isso, deve demonstrar uma única ideia, comprovar uma única hipótese, defender uma única tese, assumindo uma posição única relacionada com o problema específico levantado pela consideração do tema (Severino, 2002, p. 75).

Definido o problema, o próximo passo da pesquisa é a justificativa do projeto, encaminhando-se para a definição dos objetivos

Santaella (2005, p.152) pontua que há obstáculos para o pesquisador que não dá a devida importância ao planejamento, pois o investigador se verá perdido em um emaranhado de dados, sem saber como analisá-los e interpretá-los, por desconhecer significado e importância no contexto maior de um problema bem demarcado, de hipóteses apropriadamente formuladas e dos objetivos que uma pesquisa visa atingir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Projeto, do latim *pro-jicere*, literalmente é colocar adiante. Mais do que uma exigência acadêmica, o projeto é um caminho eficaz para se atingir os objetivos a que se propõe. Ele funciona também como um controle do

andamento da pesquisa. No projeto define-se o que fazer, porque fazer, para quem fazer, onde fazer, como, com que, quanto e quando fazer. Qualquer pesquisa merece um projeto que lhe dê forma, justamente para facilitar o caminho que muitas vezes não é reto, fácil, mas impregnado de nuances, curvas que irão dificultar mas também trazer enormes benefícios à pesquisa acadêmica.

O intuito deste artigo é demonstrar a eficácia de se escolher um tema e conduzi-lo no caminho da pesquisa para que tenha validade diante de seus pares e, principalmente, que encontre uma problemática, uma dúvida, uma intenção de ir a fundo e desvendar o mistério que está por trás da pesquisa acadêmica. Afinal, mais do que problema, a pesquisa ter vontade e uma profunda curiosidade de seguir adiante, sempre em busca de uma verdade, várias verdades, validades.

REFERÊNCIAS

- Bastos, Cleverson; Keller, Vicente. (1992). *Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica*. 3ª.ed. Petrópolis: Vozes.
- Eco, Umberto. (1995). *Como se faz uma tese*. 6ª.ed. Lisboa: Editorial presença.
- Ferreira, Nelson (2012). T. *Revista de C. Humanas*, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 27-37, jan./jun.
- Luna, Sérgio Vasconcelos. (2000). *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC.
- Rudio, Franz (1998). V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 22ª. Ed. Petrópolis: Vozes.
- Santaella, Lucia. (2001). *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker Editores.
- Severino, Antonio J. (2002). *Metodologia do trabalho científico*. 22ª.ed. São Paulo: Cortez.